



ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## George Frost Kennan e a arquitetura da política externa dos EUA na gênese da Guerra Fria

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i1.41555>

Sidnei J. Munhoz

Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UEM, Maringá, Paraná, Brasil. [sidneimunhoz2010@gmail.com](mailto:sidneimunhoz2010@gmail.com)

### Palavras Chave:

Kennan, EUA, URSS, Guerra Fria, Contenção.

### Keywords:

Kennan, USA, USSR, Cold War, Containment

### Palabras clave:

Kennan, EUA, URSS, Guerra Fria, Contención.

### Resumo

Este artigo analisa a importância do papel desempenhado pelo diplomata George Frost Kennan na elaboração da política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Ao final da Segunda Guerra Mundial, no contexto marcado pelas apreensões relativas às rivalidades globais entre os EUA e a URSS, Kennan recomendou uma estratégia com a intenção de conter as potenciais tendências expansionistas da União Soviética. Em sua consideração, a principal ameaça posta pela União Soviética não era militar, mas sua capacidade de influência ideológica, veiculada pelos partidos comunistas e seus seguidores no interior das sociedades democráticas ocidentais. Desta hipótese precedente, Kennan arquitetou a Doutrina de Contenção, uma estratégia crucial da política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Como um diplomata de carreira e grande autoridade nos estudos relacionados à sociedade Soviética, Kennan escreveu durante a sua vida uma extraordinária obra relacionada à diplomacia dos EUA e aos seus desafios colossais no ambiente do conflito global. No entanto, desde o início da segunda Administração Truman, Kennan observou que a estratégia estadunidense em relação à Guerra Fria havia se tornado mais militarista e intensificado a corrida armamentista. Ao assumir uma posição crítica em relação a essas diretrizes, que, de acordo com a sua perspectiva, levava à distorção da sua concepção original da teoria da Contenção, Kennan foi marginalizado pelo novo Secretário de Estado, Dean Acheson e deslocado do núcleo de elaboração política do governo. Posteriormente, ele questionou a adoção da Doutrina Truman, a criação da OTAN e o envolvimento dos Estados Unidos nas guerras da Coreia e do Vietnã.

### Abstract

#### George Frost Kennan and the architecture of U.S. Foreign Policy in the genesis of the Cold War

This article analyzes the major role performed by diplomat George Frost Kennan in the United States Foreign Policy during the Cold War. By the end of World War II, amidst apprehensions concerning the U.S. and the USSR global rivalries, Kennan recommended a strategy intending to contain the potential expansionist tendencies of the Soviet Union. In his consideration, the core threat upraised by Soviet Union was not military, but its ideological influence conveyed by Communist parties and fellow travelers inside the western democratic societies. From this preceding hypothesis, Kennan designed the doctrine of containment, a crucial strategy of U.S. foreign policy during the Cold War. As a career diplomat and major authority on Soviet society, Kennan wrote during his lifetime an remarkable work related to U.S. diplomacy and its colossal challenges in the environment of that global conflict. Nonetheless, since the inauguration of the second Truman administration, Kennan observed that U.S. Cold War strategy had become more militaristic and that it had strengthened the arms race. For assuming a critical position towards this path, which, according to his perspective, was a distortion of his original containment theory, Kennan was marginalized by the new Secretary of State, Dean Acheson, and displaced from core government power. Subsequently, he stood up against the adoption of the Truman Doctrine, the creation of NATO and the commitment of the United States in the Korean and Vietnam wars.

### Resumen

#### George Frost Kennan y la arquitectura de la política externa de los EUA en el origen de la Guerra Fria

Este artículo analiza la importancia del papel desempeñado por el diplomático George Frost Kennan en la elaboración de la política externa de los Estados Unidos durante la Guerra Fria. Al finalizar la Segunda Guerra Mundial, en el contexto marcado por las apreensiones vinculadas a las rivalidades globales entre los EUA y la URSS, Kennan recomendó una estrategia con la intención de contener las potenciales tendencias expansionistas de la Unión Soviética. En su entendimiento, la principal amenaza de la Unión Soviética no era militar, y sí su capacidad de influencia ideológica, veiculada por los partidos comunistas y sus seguidores en el interior de las sociedades democráticas occidentales. Partiendo de esta hipótesis, Kennan ideó la Doctrina de Contención, una estrategia crucial de la política externa de los EEUU durante la Guerra Fria. Como diplomático de carrera y una autoridad en estudios relacionados a la Unión Soviética, Kennan escribió durante su vida una extraordinaria obra relacionada a la diplomacia estadounidense y sus desafíos colosales en el ambiente del conflicto global. Sin embargo, desde el inicio de la segunda administración Truman, Kennan observó que la estrategia de los EUA en relación a la Guerra Fria se había tornado más militarista, intensificándose la carrera armamentista. Al asumir una posición crítica en relación a estas directrices que, de acuerdo a su perspectiva, conducía a la distorsión de su original teoría de la Contención, Kennan fue marginado por el nuevo Secretario de Estado, Dean Acheson, y desplazado del núcleo de elaboración política del gobierno. Posteriormente, él cuestionó la adopción de la Doctrina Truman, la creación de la OTAN y la participación de Estados Unidos en las guerras de Corea y de Vietnam.

Artigo recebido em 18/01/2018. Aprovado em 23/04/2018

Agradeço ao CNPq pela Bolsa Produtividade em Pesquisa que possibilitou o desenvolvimento destes estudos.

## Introdução

Neste artigo, discorreremos sobre como, no imediato pós- II Guerra Mundial, o diplomata George Frost Kennan cunhou as diretrizes que orientaram a política externa dos EUA em relação à URSS e, de forma correlacional, delineou as matrizes que nortearam a política externa global dos EUA durante a Guerra Fria. Isso será efetuado por intermédio da análise de como Kennan aquilatava o regime soviético e de que modo ele concebia a estratégia de como os EUA deveriam agir com o objetivo de conter a potência rival. De início, sublinha-se que em sua análise, o principal desafio interposto pela União Soviética não era militar, mas derivado da capacidade de atração ideológica do comunismo no interior das sociedades democráticas ocidentais.

Em consonância com essa percepção, Kennan expressou o seu ponto de vista em um documento por ele elaborado durante o exercício de funções diplomáticas na embaixada estadunidense em Moscou. Esse documento escrito em 1946, a partir de indagações do Departamento de Estado a respeito de como o país deveria se relacionar com a URSS, se tornou conhecido como “Longo Telegrama” (KENNAN, 1946). Nele, o diplomata estadunidense alinhavava de forma sumária a história e a cultura do povo russo e preconizava algumas recomendações de como os EUA deveriam agir em relação à potência adversária. No ano seguinte, o diplomata adensou a sua análise e a publicou sob pseudônimo, na *Foreign Affairs*, o mais reconhecido periódico dedicado à política externa estadunidense.

Posteriormente, as diretrizes enunciadas por Kennan orientaram a elaboração da política externa dos EUA e passaram a ser designadas como “Doutrina da Contenção”, de modo que, com celeridade, vieram a se tornar eixo fulcral da estratégia política estadunidense durante a Guerra Fria. Sublinha-se de início que o

diplomata, um exímio expert na compreensão da sociedade soviética, produziu durante a sua carreira uma vultosa produção pertinente à política externa estadunidense e aos desafios postos pela URSS aos EUA naquela quadra histórica. No entanto, desde a posse de Harry Truman em sua segunda administração (1949-1953), Kennan começou a se distanciar do seletivo grupo responsável pela elaboração política daquele governo.

De fato, já em 1947, Kennan manifestava certo desconforto com a chamada Doutrina Truman (KENNAN; COSTIGLIOLA, 2014, p. 207). Por volta do final de 1948, ele concluiu que a sua Doutrina da Contenção havia sofrido distorções e estava a adquirir um caráter militarista que, do seu ponto de vista, inexistia em sua concepção originária. Esse é um ponto controverso que ainda hoje é foco de debates. Adicionalmente, o diplomata começou a advogar a necessidade de se buscar um diálogo construtivo com o regime soviético. Com a posse de Dean Acheson como titular da secretaria de Estado, em 1949, as diferenças tornaram-se cada vez mais marcadas. Nesse processo, houve um duplo movimento em que o pai da Doutrina da Contenção cada vez mais se afastava do governo e ao mesmo tempo era posto à margem da elaboração política da administração de Harry Truman. Em 1950, Kennan deixou o Departamento de Estado, e se integrou ao Instituto de Estudos Avançados de Princeton, com o qual doravante manteve vínculos acadêmicos até o final da sua vida (STEPHANSON, 1992, p. 114; MUNHOZ, 2012).

Ao se dedicar aos estudos e a ensinar diplomacia, Kennan ganhou mais autonomia e passou gradualmente a tecer críticas mais consistentes à condução política externa dos EUA. Desse modo, em diferentes momentos daqueles conturbados anos, o diplomata expressou pontos de vista divergentes do seu governo e as suas formulações passaram a ser interpretadas e reivindicadas de diferentes

formas, tanto por aliados incondicionais quanto por críticos que se perfilavam num campo mais à esquerda da política estadunidense. Nas próximas páginas, procuraremos analisar esse processo e oferecer algumas chaves para a melhor compreensão da atuação de Kennan e como as suas propostas marcaram a construção da política externa dos EUA naquele período histórico.

De um lado, para se compreender o pensamento político de Kennan é necessário entender a sua percepção em termos de uma história de longa duração do mundo russo, a sua argúcia e refinamento ao avaliar a primazia dos objetivos de Estado do regime do Kremlin sobre eventuais projetos revolucionários de diferentes partidos comunistas espalhados pelo planeta. De outro, é imperativo entender a sua perspectiva sobre o papel a ser desempenhado pelos EUA em um mundo caótico, em que as estruturas convencionais de poder internacional haviam soçobrado como resultado da II Guerra Mundial. Em uma época de maniqueísmos exagerados, de batalhas entre o bem e o mal, entre a “civilização ocidental” e a “barbárie russa” como muitos professavam em Washington, Kennan expressava um ponto de vista conservador, fortemente arraigado nos valores estadunidenses dominantes, mas ao mesmo tempo abria janelas para lampejos cosmopolitas que lhe possibilitavam a construção de uma visão sobre a civilização russa que em muito se distinguia da perspectiva de outros diplomatas estadunidenses.

A conformação um arcabouço teórico que tornasse possível interpretar a cultura, os valores, as tradições russas e decodificar os objetivos do Estado soviético eram consonantes com a experiência de vida do diplomata. Em síntese, a capacidade analítica do diplomata era proveniente dos seus encontros e desencontros progressos com esse universo desmesuradamente desconhecido pelo povo estadunidense e pela maioria dos seus colegas de ofício. É importante destacar que embora o

investimento nos estudos dos países considerados relevantes para os interesses dos EUA tenha sido vigoroso desde meados do século XIX, a constituição de um grupo de russófilos no Departamento de Estado encontrava-se ainda em processo de consolidação nos anos iniciais da Guerra Fria. Naquele contexto, a sofisticada visão de Kennan sobre o regime soviético, mas nem por isso desprovida de preconceitos, tornou-se fulcral à elaboração da política externa estadunidense.

Assim, com seus erros e acertos, suas vicissitudes e dilemas, certezas e incertezas, o diplomata delineou um modelo que definiu as bases da política externa estadunidense por cerca de quatro décadas. No entanto, como já sinalizado, Kennan entendeu que as suas diretrizes ganharam uma nova configuração que não se coadunava com as suas premissas e, desse modo, se distanciou do segundo governo Truman e passou, embora discretamente, a tecer críticas à condução da política externa estadunidense (STEPHANSON, 1992; MUNHOZ, 2012).

### **O final da II Guerra Mundial e a emergência Guerra Fria**

A aliança contra o Eixo havia promovido a união de forças em princípio irreconciliáveis, como o capitalismo estadunidense e inglês, de um lado, e o stalinismo soviético, de outro. No entanto, a unidade dessas forças era assegurada mais pela primazia de um inimigo comum do que por objetivos compartilhados. Dessa forma, ao final da II Guerra Mundial, com o adversário vencido, as discrepâncias de objetivos ganharam proeminência e as disputas entre as duas maiores potências econômicas e militares do planeta tornaram plausível a emergência de um novo conflito de proporções globais (HOBSBAWM,1993).

De fato, havia projetos bastante distintos para a reconstrução da Europa e com vistas à redefinição de uma nova ordem mundial. De um

lado, os EUA emergiram como a maior potência vitoriosa, com o seu parque industrial ileso, de onde procediam aproximadamente dois terços dos produtos industrializados do mundo. Em adição, o país havia se tornado o maior credor mundial. Além disso, os EUA eram os únicos detentores da tecnologia nuclear recém desenvolvida. Assim, era presumível que almejassem reconfigurar o novo mundo que despontava das ruínas daquela devastadora guerra conforme os seus desígnios. De outro, a URSS, embora bastante combalida pela destruição proveniente da longa invasão perpetrada pela colossal máquina de guerra alemã e de seus aliados, emergia como a segunda grande potência global. Naquele cenário ainda bastante conturbado, a União Soviética se presentia ameaçada pelo que entendia ser um projeto de hegemonia global concebido pelos EUA, com vistas a retirar-lhe a área de influência, conquistada pelo Exército Vermelho a um custo exorbitante de vidas humanas e pactuada durante as conferências de Yalta e de Potsdam, no crepúsculo daquele conflito mundial (LaFEBER, 1997).

Ao final da II Guerra Mundial, a situação internacional era muito cômoda aos EUA e, naquela conjuntura, a sua diplomacia por intermédio da exuberância da sua economia e da sua irrefragável supremacia bélica, buscava alargar a sua presença nos mercados externos até então controlados por outras potências, muitas delas impérios coloniais europeus, fortes aliados da grande potência ocidental. Apesar de os EUA nunca constituírem um império formal, como o inglês ou o francês, demandas econômicas domésticas e embates ideológicos levaram o país a adotar uma política externa mais agressiva, o que regra geral implicava a intervenção nos negócios internos de outras nações, com o intuito de controlar as fontes de matérias-primas, de energia e mercados consumidores, sendo bastante verossímil reconhecermos nesse processo a constituição de um império informal (MUNHOZ, 2009). Muitos autores apontam a

última década do século XIX como o momento da gênese de uma política imperial dos EUA (WILLIAMS, 1988; LaFEBER, 1994, 1997, 1998), no entanto, é razoável admitir que somente ao final da II Guerra Mundial a arquitetura dessa política se consolidou plenamente, quando o país assumiu a posição de potência global hegemônica. Assim, durante os dois governos de Harry Truman (1945-1953) foram concebidas políticas com o objetivo de controlar áreas anteriormente sob o domínio das forças do Eixo e, ao mesmo tempo, conter uma eventual expansão soviética na Europa e na Ásia.

Além disso, a crise dos impérios coloniais britânico e francês permitiu a expansão da presença dos EUA na África e na Ásia. Em contrapartida, nessas regiões, a eclosão de lutas pela independência nacional, em territórios até então sob o domínio colonial de potências europeias, se aproximava das teses socialistas e muitos desses movimentos independentistas buscavam na União Soviética um possível apoio estratégico e militar. Em que pese a relutância da URSS em apoiar essas ações de forma direta, em decorrência de seus imediatos interesses de Estado, voltados a um acordo com os Estados Unidos, na maioria das vezes a política soviética para essa região era vista pelos seus rivais como expansionista (MUNHOZ, 2017).

Não obstante, como sublinha Bradley (2010) no imediato pós-II Guerra Mundial tanto os EUA quanto a União Soviética deram pouca importância às lutas por independência no hemisfério Sul. Segundo o autor, as duas potências globais estavam focadas nos problemas emergentes na Europa, em especial a questão da ocupação da Alemanha, a reconstrução da Europa Ocidental, as tensões no Leste Europeu e o problema da guerra civil na Grécia. Para Bradley, os EUA reconheciam a radicalidade de alguns desses movimentos independentistas, mas ainda não os associavam à dinâmica da Guerra Fria. Segundo o autor, a princípio, para os EUA e a URSS esses movimentos eram periféricos à sua

confrontação na Guerra Fria. Desse ponto de vista, somente com a vitória comunista na China e com o desencadear da Guerra da Coréia, o denominado Sul global adquire maior importância nas dinâmicas da Guerra Fria (BRADLEY, 2010, p. 472). Do meu ponto de vista, esta perspectiva deve ser relativizada, pois entre 1947 e 1949 houve um contínuo movimento em ambos os campos que tendeu cada vez mais à intensificação dos conflitos, de tal sorte que as dinâmicas da Guerra Fria tenderam à mundialização. Posteriormente, com o desenlace da guerra civil chinesa e a emergência da Guerra da Coréia esse processo ganhou uma nova dimensão.

Dessa perspectiva, ao final da II Guerra Mundial os antigos movimentos revolucionários anticoloniais e os novos Estados do chamado Terceiro Mundo se associam de forma inseparável aos conflitos e às ideologias vinculados à Guerra Fria (WESTAD, 2008, p. 74). Originariamente, tanto EUA quanto URSS possuíam projetos modernizadores para aquela parte do mundo que emergia dos antigos impérios coloniais (LATHAM, 2010) e preconizavam perspectivas genuinamente anticoloniais. Contudo, na dinâmica da Guerra Fria global passaram cada vez mais a adotar posturas semelhantes aos antigos colonialistas, temendo a vitória do rival (WESTAD, 2008, p. 397).

Em consequência do exposto, os conflitos que motivaram a Guerra Fria eram provenientes de uma complicada trama de interesses geopolíticos das duas potências que despontaram ao final da II Guerra Mundial como as maiores forças econômicas, políticas e militares do planeta. Naquele contexto, cada uma dessas potências buscou a criação e a consolidação das suas respectivas áreas de influência, o que deu origem à estruturação de blocos antagônicos que, em maior ou menor medida, marcaram todo o período da Guerra Fria. Aquele foi um período conturbado da história do imediato pós-guerra. Havia muita

incerteza e suspeições sobre as atitudes do adversário. Em cada um dos blocos em processo de edificação, buscava-se interpretar os movimentos e as prováveis ações do oponente, que cada vez mais era traduzido para as populações locais como um inimigo diabólico capaz de tudo para alcançar os seus objetivos inconfessáveis, o que, dessa perspectiva maniqueísta, levaria à destruição da paz e a um novo período de guerras.

Em larga medida, essas construções eram provenientes da propaganda política dos principais protagonistas globais com vistas a convencer tanto governos quanto populações das suas justas aspirações que eram sempre apresentadas como universais em oposição aos interesses mesquinhos do adversário. Porém, esse era apenas um dos aspectos mais visíveis desses embates. Naquele panorama, enredado pelo caos derivado da destruição provocada pela barbárie do conflito mundial recém posto a termo, avultavam as suspeições sobre as ações e os desígnios dos oponentes. Essas desconfianças derivavam da interpretação de decisões tomadas por servidores exaustos e sem todas as informações sobre os fatos em lide. Toda a arquitetura de poder do novo mundo que emergia dos escombros da II Guerra Mundial estava a ser repensada e as demandas ou ações dos oponentes eram interpretadas, nessas condições já delineadas, como um estratagema hostil do adversário, quando poderiam ser resultado do temor oriundo de hipotéticas ameaças inferidas a partir de informações parciais, incorretas e avaliadas de forma apressada e inadequada (YERGIN, 1990).

Assim, o confronto de interesses de Estado içava o tom dessa dissensão de modo cada vez mais escancarado. Ao mesmo tempo, no interior de cada campo, a construção no imaginário popular de um inimigo poderoso foi utilizada pelos respectivos governos para demonizar e controlar as oposições ou dissidentes (CHOMSKY, 1996). Desse modo, houve o incremento exponencial dos discursos

belicosos, da propaganda anti-imperialista em um campo e anticomunista no outro, da intolerância e da perseguição política. Em pouco tempo, a expansão do número de países administrados por governos democráticos ou que tendiam de alguma forma à democracia cedeu vez às ditaduras ou assemelhados, que logo começaram a se espalhar tanto sob o manto protetor dos EUA quanto na esteira da União Soviética.

Houve a preservação de regimes democráticos nas sociedades capitalistas desenvolvidas, mas, na vasta área do chamado Terceiro Mundo, o breve interregno democrático foi sufocado com celeridade. Apenas de modo exemplar, destacamos, como aponta Leslie Bethell, que na América Latina, onde se deu a expansão de regimes democráticos sob a influência dos EUA entre meados de 1944 e meados de 1946, logo houve um marcado retrocesso e, em pouco tempo, apenas três regimes daquela região poderiam ser caracterizados como democráticos, obviamente se os critérios de aferição fossem razoavelmente elásticos (BETHELL, 1992, 1994)

O papel cumprido pelo Exército Vermelho no triunfo dos Aliados sobre as forças do Eixo, com a correlata liberação dos territórios dominados por essas forças invasoras, transferiu à União soviética um prestígio de grande magnitude perante a opinião pública internacional, mesmo que de forma efêmera. Uma vez iniciada a Guerra Fria, essa perspectiva foi rapidamente desconstruída, quer pela propaganda antissoviética, quer pelas suas ações nas regiões sob o seu controle. Naquele contexto, o Exército Vermelho dominava a maior parte da Europa Central e Oriental. Em paralelo, a situação social na Europa Ocidental era caótica, uma vez que a infraestrutura da maioria dos países havia sido atassalhada pela guerra. Esse cenário povoava o imaginário das elites e elevava o temor de uma vaga revolucionária. Os comunistas haviam conquistado consideráveis resultados nos pleitos

eleitorais recém ocorridos na França e na Itália. Em paralelo, as organizações comunistas se ramificavam em outras regiões do continente. Ao mesmo tempo, havia profundas tensões políticas na Turquia e no Irã, guerras civis em curso na Grécia e na China e numerosas lutas anticoloniais na África e na Ásia. Como resultado, a influência soviética não se restringia às áreas sob o seu comando, pois os partidos comunistas haviam ganho força política e representatividade tanto em muitas democracias ocidentais quanto na emergente área até então sob domínio colonial, de tal modo que alcançava as mais diferentes regiões do planeta (MUNHOZ, 2004)

### **O homem e a sua história**

George Frost Kennan nasceu em 16 de fevereiro de 1904, em Milwaukee, Wisconsin, filho do advogado Kossuth Kent Kennan e de Florence James Kennan. Por parte de pai, George F. Kennan era descendente de imigrantes irlandeses muito pobres que foram tentar a sorte na América ainda no século XVIII. O pequeno George perdeu sua mãe dois meses após o seu nascimento, em função de uma peritonite decorrente de um apendicite. No entanto, o pequeno George acreditava que a mãe havia falecido em seu parto. Alguns autores atribuem a essa crença, a tristeza e melancolia que marcaram a vida de Kennan. Constigliola ao comentar os diários de Kennan observa que eles não corroboram essa perspectiva, uma vez que, aos onze anos de idade, o garoto Kennan se mostra nas passagens do seu diário como curioso, esperto, feliz e ativo (KENNAN; COSTIGLIOLA, 2014, p. 5). Aos oito anos de idade, o jovem Kennan foi residir na Alemanha com a sua madrasta, período em que aprendeu alemão, língua que lhe foi muito útil ao iniciar a sua carreira diplomática.

Em sua família, havia uma longa história de contato com o mundo russo. Seu primo de segundo grau, George Kennan (1845-1924), legou ao seu familiar, muito mais do que o nome

e a mesma data de aniversário. Ambos nasceram no 16 de fevereiro. O primeiro George era jornalista, escritor e comerciante que viveu e estabeleceu longos vínculos com a Rússia, tornando-se um russófilo. No início da sua carreira, era simpatizante do regime czarista dos Romanov, quando chegou inclusive a justificar e a defender os projetos expansionistas do império russo. Posteriormente, após o assassinato do Czar Alexander II, em 1881, ele decidiu conhecer o sistema penal russo e como eram os exílios políticos na Sibéria. Retornou da Sibéria impressionado com o que viu e escreveu “Siberia and the exile system”, livro em dois volumosos tomos que na primeira edição totalizavam 984 páginas, onde apresentou detalhados relatos sobre as condições das prisões e sobre as terríveis condições de vida dos condenados a cumprir penas nos campos de trabalhos forçados. Essa experiência transformou a percepção de George sobre o regime russo e ele, ao retornar aos EUA, tornou-se crítico do czarismo e ativista pela democratização da Rússia. A influência do outro Kennan legou ao jovem George Frost um profundo interesse por tudo que se dizia respeito àquele estranho universo. Em suas memórias acentua a influência do parente em sua formação e explica que possuíam tanta coisa em comum, que muitos erroneamente pensavam que se tratava de seu pai. O diplomata relembra que além de compartilharem nome e data de nascimento, ambos foram expulsos da Rússia, ambos criaram organizações para dar suporte a refugiados russos, escreveram e discorreram profusamente sobre o mundo russo, tocavam guitarra, amavam barcos à vela e possuíam outras semelhanças (KENNAN, *Memoirs*. 1925-1950, p. 8)

Kennan estudou na St John's Military Academy e na sequência cursou História em Princeton, onde se graduou em 1925. Em 1926, ingressou no serviço diplomático e, no ano seguinte, assumiu o posto de vice Consul em Genebra, onde permaneceu por um breve período. Logo, foi para Berlim, Tallinn e Riga.

Em Berlim, iniciou o aprendizado do idioma russo e passou a se dedicar com afinco aos estudos relacionados à União Soviética. Em novembro de 1933, ainda durante a primeira administração de Franklin D. Roosevelt, os EUA estabeleceram relações diplomáticas com a URSS. Na ocasião, William C. Bullitt foi indicado para o posto de embaixador em Moscou e George F. Kennan passou a ocupar o posto de terceiro secretário daquela embaixada. Dois anos depois, foi designado para Viena e depois para Berlim (KENNAN, 1967, 1973; STEPHANSON, 1992).

Aquele era um período de incertezas e instabilidade política que, certamente, lançou desafios descomuns aos jovens diplomatas como Kennan. Se, de um lado, esse cenário incerto e complexo representava, muitas vezes, barreiras quase que intransponíveis, de outro, podia representar oportunidades inusitadas. Essas ocasiões não tardaram a aparecer para o jovem Kennan. Ele esteve a serviço da diplomacia dos EUA em alguns dos lugares-chave, em momentos cruciais que, de uma forma ou de outra, reconfiguraram o cenário político do século XX. Assim, ele pode observar a emergência da farsa dos processos de Moscou (1936-1938); ao servir entre 1938 e 1939 na Tchecoslováquia, presenciou a ocupação de Praga pelas tropas alemãs que, após ocuparem os Sudetos em outubro de 1938, conforme acordado por intermédio do Pacto de Munique, em março do ano seguinte violaram o pacto anexaram o que restava do país.

Como se sabe, há um longo debate sobre a influência dos eventos relacionados ao Pacto de Munique e à ocupação da Tchecoslováquia pela Alemanha no Pacto Germânico-Soviético. Kennan em diferentes ocasiões criticou acridamente os soviéticos pelo acordo, mas reconheceu que a postura de ingleses e franceses nesse processo haveria levado a um erro trágico e que a indiferença dos EUA não era motivo para glória. Ao mesmo tempo deixa claro que, do seu ponto de vista, a União Soviética de Stálin

não era um aliado digno do Ocidente frente ao fascismo (KENNAN, 1969, p. 267-274).

Na sequência, Kennan foi enviado a Berlim, onde serviu até a declaração de guerra da Alemanha aos EUA. Desse evento, resultou a sua detenção por quase seis meses, entre dezembro de 1941 e abril de 1942, quando então foi liberado pelas autoridades alemãs para sair do país. Imediatamente, Kennan foi designado a servir em Lisboa, onde permaneceu até 1944, quando, no outono daquele ano, foi enviado a Londres, por um curto interregno e então foi novamente indicado a ocupar um posto na embaixada de Moscou. Assim, ao fim da II Guerra Mundial, encontrava-se mais uma vez em Moscou, quando se intensificaram as divergências entre os EUA e a União Soviética, o que culminou na retomada de antigas rivalidades e na emergência de um novo tipo de conflito entre as duas novas potências globais emergentes (KENNAN, 1967, 1973, 1996). Conforme relata Kennan, em Moscou, ele encontrou certas dificuldades, uma vez que o embaixador Harriman era altamente centralizador e possuía acesso direto à Casa Branca. Desse modo, as funções atribuídas a Kennan o desagradavam, pois eram marcadamente burocráticas. Por fim, ele discordava da política de cooperação com os soviéticos, implementada por Roosevelt (STEPHANSON, 1992, p. 28). Assim, as alterações na condução da política externa dos EUA em relação à URSS implementadas por Truman, abriram mais espaço para Kennan e possibilitaram sua aproximação com os novos *policymakers* estadunidenses.

Em 1946, Kennan deixou Moscou e retornou ao seu país, onde assumiu o posto de assessor no recém-criado *National War College* e, no ano seguinte, assumiu a direção de planejamento político do Departamento de Estado, função que exerceu entre 5 de maio de 1947 e 31 de maio de 1949. Em 1947, ele coordenou a elaboração do Plano Marshall e esteve envolvido em diferentes projetos

estratégicos do Departamento. Ainda, entre 4 de agosto de 1949 e 11 de junho de 1951, foi Conselheiro do Secretário de Estado Dean Acheson (função equivalente nos dias atuais ao subsecretário de Estado) mas, como já apontado, desde o final de 1948, cresciam as divergências entre o diplomata e as diretrizes vindas de seus superiores e essas discordâncias o levaram a se afastar do núcleo dirigente do governo. Alguns autores apontam Kennan como um dos mentores do processo de estruturação das operações clandestinas da Agência Central de Inteligência (CIA) (WEINER; CROSSETTEMARCH 2005).

Stephen Kotkin, sublinha a diferença entre o que Kennan escrevia e o que muitas vezes ele fazia. Ele era conhecedor da psicologia e do comportamento do povo e do governo soviético. Havia escrito sobre isso no detalhe, no entanto, em uma entrevista coletiva à imprensa no aeroporto de Tempelhof, em Berlim, ele comparou as condições em que estava a viver em Moscou, com restrições de movimento, com a sua detenção na Alemanha de Hitler. O governo soviético, irado com a conduta do diplomata, negou a sua entrada novamente na URSS e assim o seu posto de embaixador durou menos de cinco meses. Kotkin ressalta que, se de um lado, Kennan pregava a paciente contenção das ações expansionistas soviéticas, por debaixo dos panos, apoiava ações de sabotagem anticomunista e operações secretas de apoio a movimentos anticomunistas (KOTKIN, 2016).

Em 1952, Kennan retornou à União soviética como embaixador, e em suas memórias, expressa o seu descontentamento com a situação a que estava submetido em Moscou. Relata as dificuldades dessa fase da vida e indica que as condições haviam se tornado muito piores do que no período da aliança de guerra, quando ele possuía maior liberdade de movimento e possibilidades de contatos e mesmo de alguma vida social em Moscou. O diplomata relembra que nessa fase dos anos mais difíceis da Guerra Fria, haviam desaparecido

aqueles soviéticos com quem ele podia manter uma conversa amistosa. Relata ainda alguns episódios difíceis com as quais teve que se defrontar. Dentre eles, sublinha o caso de um jovem que adentrou à embaixada a se dizer filho do ex-ministro da Segurança de Estado, Victor S. Abakumov, que havia sido recentemente “expurgado”. O diplomata afirma não se lembrar dos detalhes com exatidão, mas que o jovem haveria sugerido que precisava de dinheiro e armas para que ele e outros amigos em situação semelhante pudessem agir e eliminar o líder soviético. Kennan afirma que desconfiou do relato e pensou que certamente seria uma provocação.

Assim, haveria dito ao jovem que isso não era problema seu, que não violaria as leis soviéticas ou interferiria em suas políticas domésticas. Relembra que o jovem haveria lhe perguntado como sairia de lá, pois a embaixada era vigiada, ao que ele haveria respondido que isso não era problema seu e que o jovem deveria haver pensado nisso antes de adentrar à embaixada. Dito isso, ressalta que solicitou ao rapaz que se retirasse. Ao reconstruir suas memórias, Kennan salienta que alguns dias depois, um colega lhe mostrou uma foto tirada havia cerca de um ano na embaixada britânica, quando da apresentação de credenciais dos diplomatas soviéticos, em que o jovem aparecia logo atrás de figuras chaves da solenidade. Kennan então concluiu que Stalin havia enviado o jovem com o objetivo de levar o embaixador a cometer algum deslize (KENNAN, 1973, p.147-151).

As memórias desse período da sua vida em Moscou são ainda marcadas pela descoberta de um mecanismo de escuta em uma parede da embaixada (Spaso House), segundo Kennan, após uma redecoração efetuada no local, pelos soviéticos e sem a supervisão de pessoal dos EUA. O diplomata relembra das suspeitas, mas afirma que inicialmente a equipe de segurança da embaixada não conseguiu detectar qualquer indício de presença de equipamento de escuta.

Então trouxeram especialistas dos EUA e depois de muito trabalho, descobriram o mecanismo, que aparentemente era de uma nova geração e que foi enviado a Washington para ser analisado. Kennan lembra que foi nesse clima que ele deixou o país para ir à conferência em Londres. (KENNAN, 1973, p. 147-167).

Das memórias de Kennan, onde há a menção ao fato de que essa reforma foi efetuada entre a saída do antigo embaixador e a sua chegada a Moscou, depreende-se que esse mecanismo de escuta funcionou durante todo o período em que ele esteve na embaixada. Caso precedente a informação, é plausível se supor que por meio da espionagem os soviéticos tiveram acesso a muitas informações do que ocorria no interior da embaixada e isso certamente contribuiu para tornar as relações mais turbulentas. É necessário observar que, em especial nesse período, a espionagem mútua entre os EUA e a URSS era uma constante e que o fato ocorrido não fugia muito à expectativa existente em ambos os lados.

Naquele contexto, nos meios diplomáticos estadunidenses havia uma pressuposição de que Kennan fosse designado para outra embaixada, no entanto os republicanos e o novo secretário de Estado, John Foster Dulles e seus principais aliados, consideravam a Doutrina da Contenção negativa, fútil e imoral e prometiam a libertação da Europa Oriental. Nesse contexto, Kennan não mais possuía sustentação política no Departamento. Em decorrência, não foi indicado para um novo posto de embaixador e então retornou a Princeton (Arms, 1994, p. 321-322).

## **A Doutrina da Contenção**

Foi no contexto das crescentes desavenças entre os EUA e a URSS no imediato pós II Guerra Mundial que o diplomata George Frost Kennan propôs uma estratégia objetivando conter qualquer suposta ação

expansionista da URSS. Em 22 de fevereiro de 1946, Kennan enviou, de Moscou, uma mensagem que ficou conhecida como *Longo Telegrama*. O texto, fora dos padrões usuais para um telegrama diplomático, continha pouco mais que 5300 palavras<sup>1</sup>. No telegrama, Kennan discorre sobre as indagações formuladas pelo Departamento de Estado, por intermédio de um documento interno datado do dia 11 daquele mês. Em sua resposta, o diplomata analisava a condução da política externa soviética, a vinculava à ideologia comunista, às políticas domésticas do Kremlin e prescrevia uma estratégia direcionada ao relacionamento dos EUA com a URSS. Em síntese, a recomendação de Kennan estava alicerçada na premissa da existência de interesses antagônicos e irreconciliáveis entre os EUA e a URSS. No entanto, Kennan avaliava que os EUA deveriam se colocar como nação líder do mundo democrático e apontar caminhos às outras nações com vistas a superar os inúmeros problemas vigentes nas sociedades democráticas. Recomendava ainda que os EUA deveriam evitar a todo custo o confronto direto com a União Soviética (KENNAN, 1946).

No *National War College*, Kennan pode aprofundar a sua elaboração sobre a política externa do país (KENNAN, 1967, p. 298). Em dezembro de 1946, o Secretário da Marinha, James V. Forrestal, encaminhou a Kennan um memorando sobre a política externa soviética (*Dialectical Materialism and Russian Objectives*) elaborado por Edward F. Willet, que era professor do Smith College e que havia se tornado o especialista da Marinha em marxismo e política externa da União Soviética (WILLET,

1946).

Kennan considerou o memorando bem informado, no entanto, do seu ponto de vista, o documento era uma miscelânea que revelava a ausência de uma percepção acurada dos desígnios estratégicos e da política externa soviética. Entre outras coisas, Willet afirmava que a URSS poderia ir à guerra com os EUA por causa dos dogmas do materialismo histórico. Em decorrência, Kennan consultou o secretário sobre o seu interesse na preparação de uma análise mais detalhada da matéria. Com o aceno positivo, o diplomata reviu e adensou a sua análise sobre o tema contida no chamado *Longo Telegrama*. Disso resultou a elaboração de um documento melhor elaborado em que o diplomata examinava a conduta soviética e recomendava estratégias para o relacionamento dos EUA com a URSS (STEPHANSON, 1992, p. 65).

Stephanson sublinha que Kennan possuía uma ótica sobre a questão da ideologia na URSS distinta das duas posições antagônicas então existentes nos EUA. De um lado, havia uma perspectiva que subordinava tudo o que acontecia na URSS à questão da ideologia e, de outro, havia aqueles para quem a ideologia não era nada, senão mera fachada. Conforme aponta Stephanson, Kennan entendia que, durante o esforço de guerra, tendeu-se a uma perspectiva de que a ideologia comunista era uma mera fachada e que o Kremlin atuava como qualquer potência tradicional, perseguindo o seu interesse de Estado. Com o fim da guerra, houve uma guinada em sentido oposto e, desse ponto de vista, a União Soviética passava a significar pura e simplesmente conquista comunista. O

---

<sup>1</sup> Alguns autores fizeram referências a 8 mil palavras. Eu mesmo fei nessas informações e as reproduzi em trabalhos anteriores. Não sei exatamente a origem desse erro. Stephanson menciona essas referências a 8 mil palavras, mas confirma que de fato eram 5.540, conforme Isacson e Thomas (*The Wise men*). Conferi uma transcrição do documento original disponível na WEB e encontrei 5326 (com algumas observações do editor num total de 12 palavras sobre aparentes omissões do autor). Desse modo o texto original parece possuir 5314 palavras). Essa pequena diferença pode ser decorrência da inclusão por parte desses autores das informações de catalogação do documento, mas não estou completamente certo sobre isso. Peço desculpas pelas imprecisões anteriores. Stephanson, A. Kennan and the Art of Foreign Policy. Cambridge(Mass): Harvard University Press, 1992, p. 291, nota 81. para acessar o texto integral do Longo Telegrama <https://nsarchive2.gwu.edu/coldwar/documents/episode-1/kennan.htm>

Diplomata discordava das duas perspectivas e defendia uma posição intermediária.

É bem verdade que, como de outras vezes, a posição de Kennan oscilou e é possível detectar contradições em seu pensamento. No início de 1947, abordou a questão da ideologia na política externa soviética em diferentes ocasiões e é possível observar essas incongruências em suas preleções. Em janeiro daquele ano, falou para um grupo restrito de membros do *Council on Foreign Relations*, em Nova Iorque. Em sua locução *The Soviet way of thought and its effect in Foreign Policy*, ampliou o escopo da sua análise. Conforme demonstra Stephanson, há duas versões dessa apresentação, uma de 7 e outra de 24 de janeiro. Kennan não escreveu suas falas, mas elas foram anotadas confidencialmente, e desse modo é possível perceber essas diferenças, conforme indicado na edição especial da *Foreign Affairs*, dedicada a abordar a questão da Contenção 40 anos depois (*Foreign Affairs*, 1987).

A partir de uma interpretação que considerava a perspectiva marxista, ao menos em tese, estruturante do regime stalinista, Kennan entendia que a ideologia não era tudo, pois se constituía em um produto das necessidades do sistema então vigente na URSS. No entanto, para ele, esse processo não podia ser compreendido de forma mecânica. Kennan procura demonstrar que o constructo ideológico empregado pelo regime era produto das necessidades do sistema soviético e, em certa medida, o antecedia. Nesse aspecto, ele situa a questão em termos de preservação do poder autoritário existente na Rússia czarista frente ao que aquele regime entendia ser um ambiente externo hostil aos seus interesses.

Em relação aos dirigentes soviéticos, ele diferenciava Lenin do restante. Entendia que Lenin era um socialista sincero e que se seu governo perdurasse seria possível esperar alguma moderação<sup>2</sup>. Porém, ressalta que durante a construção do regime soviético, a percepção de que estavam cercados por um mundo hostil os levou a desenvolver os aparatos de segurança. Para ele, nesse tipo de regime todas aquelas atividades relacionadas à segurança de Estado foram expandidas, enquanto os outros setores tenderam à atrofia. Em paralelo, Kennan discordava da perspectiva de que a ideologia não possuía papel algum e procurava demonstrar que ela tinha papel importante, uma vez que, para ele, talvez fosse ela o único aspecto positivo do regime (STEPHANSON, 1992, p. 68-69)

Em 31 de janeiro de 1947, Kennan encaminhou o documento ao Secretário Forrestal que afirmou haver gostado muito da análise e informou que a encaminharia ao Secretário de Estado, general George C. Marshall<sup>3</sup>. Em suas memórias, aventou a hipótese de que a sua posterior indicação para a coordenação da equipe de planejamento estratégico do Departamento de Estado e a atribuição do encargo para coordenar a elaboração de um plano para a recuperação da Europa, que posteriormente ficou conhecido como Plano Marshall, fosse resultado dessa indicação de Forrestal. Pouco depois, foi instado pelo editor da *Foreign Affairs*, Hamilton Fish Armstrong, que havia participado da sua apresentação para o *Council of Foreign Relations*, a escrever um texto sobre o tema (KENNAN, 1967, p. 354). Kennan explicou que o havia escrito a pedido de Forrestal e que em decorrência somente o poderia publicar sob pseudônimo. Armstrong, a princípio ficou em

2 Essa perspectiva sobre Lennin não me parece usual em outras referências feitas por Kennan ao líder bolchevique.

3 Em *Containment then and now* (1985) Kennan indica que escreveu esse texto em dezembro de 1946. KENNAN, George f. *At a Century's ending; reflections 1982-1985*. N. York: Norton, 1996, p. 110. O texto originalmente havia recebido o título de "Psychological Background of Soviet Foreign Policy". Veja *Containment 40 year later. Introduction. Foreign Affairs Vol. 65, No. 4* (Spring, 1987), pp. 827-830.

dúvida pois habitualmente o magazine não publicava textos sem a adequada identificação do autor. Assim, consultou seu editor assistente, Byron Dexter, e este considerou a importância das reflexões do diplomata e sugeriu a publicação. Dexter sugeriu então que o artigo fosse assinado com o pseudônimo de Mr. "X" (FOREIGN AFFAIRS, 1987).

A *Foreign Affairs* era a principal publicação de política internacional nos EUA e, quase certamente, no mundo. Muitos dos *policy makers* estadunidenses costumavam contribuir com o periódico que reverberava, regra geral, o *mainstream* da política externa do país. Kennan, pensou em aproveitar o texto que ele havia encaminhado privadamente ao secretário Forrestal. Ao mesmo tempo, como funcionário governamental que havia produzido aquele documento, ele se considerava impendido de torná-lo público, sem a devida autorização da burocracia estatal.

No início de março, Kennan consultou o almirante Forrestal sobre a eventual publicação e, como não houve objeção, encaminhou o material no dia 13 daquele mês para o comitê de publicações não-oficiais do Departamento de Estado, para a habitual liberação e recebeu a autorização em 8 de abril (Kennan Memories: 1925-1950, p. 354-355). Então, enviou o texto ao magazine e ele foi publicado com o título de *The Sources of Soviet Conduct* na edição de julho do periódico. O artigo era assinado por Mr. X. No entanto, Forrestal, havia mostrado o original do diplomata a muita gente, e o colunista do *The New York Times*, Arthur Krock, que havia visto a primeira versão do texto, estabeleceu a relação entre os dois e tornou pública origem oficial do artigo de Mr. X. Isso gerou uma enorme celeuma, de tal modo que Kennan foi chamado pelo general Marshall a quem explicou que havia solicitado e recebido autorização do setor competente do Departamento de Estado para a publicação. Desse modo, a situação foi resolvida, mas ela gerou um mal-estar. (KENNAN, 1967, p. 356-357).

Conforme Stephanson assinala, Kennan não reduzia as questões do conflito entre os EUA e a URSS à questão ideológica. No entanto, no artigo publicado na *Foreign Affairs*, em julho de 1947, o diplomata sublinhava a matriz ideológica do problema. Desse modo, o pai da Doutrina da Contenção via na ideologia o único aspecto positivo de um regime que caso contrário implicaria, do seu ponto de vista, apenas crueldade e sofrimento para os seres humanos que vivessem sob o seu domínio. Quando os seus escritos produzidos naquele momento da história são colocados sob escrutínio, é possível perceber um balanço quase pendular em relação a esse tema. Como ele não conseguia uma alternativa nem àquela visão para quem tudo o que acontecia na URSS era decorrência da ideologia nem para a perspectiva de que ideologia era mera fachada para os interesses do Estado soviético, ele procurou construir uma alternativa que transitava entre um campo e outro, ora mais próximo do centro, ora mais próximo de um ou do outro polo. Por isso, é possível encontrar diferenças significativas em relação a essa questão em falas proferidas ou em escritos produzidos entre 1946 e 1947 (STEPHANSON, 1992, p. 65-66).

Muito provavelmente é em decorrência desses embates associados à questão da ideologia que em *Sources of Soviet Conduct* o autor, já em seu primeiro parágrafo, afirma que a característica política do poder soviético deriva de dois campos: da ideologia e das circunstâncias. Da ideologia herdada dos movimentos políticos de onde seus líderes são provenientes e das circunstâncias em que eles estão a exercer o poder há três décadas. Em continuidade, Kennan assegurava que, da perspectiva do Kremlin, não poderia haver um compromisso sincero que envolvesse a União Soviética e as democracias ocidentais. O diplomata justificava que, na concepção marxista-leninista, fundamento ideológico do regime soviético, havia questões basilares a serem consideradas: a questão central na existência da humanidade,

que determina o caráter da vida pública e a fisionomia da sociedade, é o sistema por intermédio do qual as riquezas são produzidas e trocadas; o sistema capitalista é perverso e nele é inerente a exploração do proletariado pela burguesia e, além disso, o sistema é incapaz de desenvolver adequadamente os recursos econômicos da sociedade e de promover a distribuição das riquezas provenientes do trabalho humano; o capitalismo contém em seu interior as sementes da sua própria destruição, uma vez que a burguesia é incapaz de se adaptar às mudanças necessárias, o que leva à transferência do poder ao proletariado pela via revolucionária; o imperialismo, fase final do capitalismo na concepção leninista, leva inevitavelmente à guerra e à revolução (KENNAN, 1999, p. 107-108).

Em outras palavras, Kennan sublinha que na concepção soviética lastreada numa leitura marxista da sociedade capitalista, em especial da sua fase imperialista, é inevitável a intensificação da luta de classes para promover a transferência do poder da burguesia ao emergente proletariado. No entanto, o diplomata cita Lenin para explicar que, desse ponto de vista, a princípio o socialismo poderia florescer apenas em alguns países ou em um único país e que o proletariado vitorioso desses países deveria se erguer e apontar o caminho às classes oprimidas dos outros países. Sublinha que, segundo essa concepção, não há garantias de que o capitalismo venha a perecer sem a revolução proletária e que seria necessário um golpe final do proletariado revolucionário para derrubar a estrutura cambaleante do capitalismo (KENNAN, 1999, p. 108).

Não obstante, alicerçado na sua compreensão da história do povo russo e da concepção marxista da história adotada, ao menos em tese, pelas lideranças do Kremlin, Kennan acreditava que a estratégia da diplomacia soviética pressupunha a inevitabilidade da vitória do socialismo sobre o capitalismo como um processo de longa

duração. Além disso, conforme ele afirma ao fazer referência a Lenin, os dirigentes soviéticos entendiam que havia a necessidade de grande cautela e flexibilidade na consecução dos objetivos comunistas. Compara ainda esses objetivos de longa duração com os da Igreja e afirma que, do ponto de vista dos soviéticos, não há pressa em atingir esses objetivos, pois ninguém teria o direito de arriscá-los de forma aventureira. Nesse ponto, retoma a história do império russo, e afirma que durante séculos suas forças enfrentaram obscuras batalhas para defender as planícies vulneráveis de invasões de povos nômades. Para ele, esses eventos levaram os russos à prudência, a considerarem posicionamentos mais flexíveis e a recuarem face a adversários superiores (KENNAN, 1999, p. 118). Embasado nessa percepção do mundo russo, da doutrina marxista e da estrutura de poder então vigente na URSS, Kennan defendia que os EUA passassem a empregar uma política externa de longa duração alicerçada em uma paciente, duradoura e vigilante *contenção* das possíveis tendências expansionistas soviéticas (KENNAN, 1947, 1969, 1999). O diplomata preconiza que em um eventual sinal de agressão ou tentativa de expansão soviética os Estados Unidos deveriam estar prontos para se contraporem à adversária de forma a dissuadí-la do seu intento. No entanto, o diplomata ressalva que o conflito direto deveria ser evitado.

A partir dessa análise, Kennan concluiu ainda que, em um futuro próximo, os EUA não deveriam esperar a aproximação política com a URSS. Essa assertiva se baseava em uma leitura de que a União Soviética não estava a buscar a coexistência e a paz, mas, de modo oposto, perseguia uma sofisticada estratégia de contínua pressão contra os EUA com o desígnio de desgastar, desacreditar e reduzir o seu poder e a sua capacidade de influência global. Kennan entendia que do ponto de vista soviético, no futuro, a superioridade do sistema socialista conduziria à vitória sobre o capitalismo, porém não havia previsão de quando isso viria a ocorrer

e também não havia a sugestão de que esse objetivo fosse alcançado por intermédio de um conflito militar.

Em consonância com essa leitura, Kennan se distanciava de outros estrategistas estadunidenses, como, por exemplo, Dean Acheson, John Foster Dulles e Paul Nitze, ao asseverar que a principal ameaça soviética não provinha do campo militar, mas da ideologia. Para ele, a capacidade de ação e de sedução das organizações comunistas no interior das nações democráticas era o maior trunfo soviético. Diante disso, ele opinava que os EUA deveriam ser capazes de promover a união das principais correntes ideológicas do mundo ocidental e de comandar as democracias rumo a um futuro promissor em que as suas populações pudessem desfrutar das melhorias advindas desse progresso. Em contraste, o comunismo soviético se tornaria, cada vez mais, estéril e quixotesco, o que esvaziaria a sua capacidade de atração. Kennan entendia que a URSS era, seguramente, a parte mais frágil no conflito. Para ele, apesar de sua rápida industrialização e desenvolvimento econômico, o regime soviético não podia atender às necessidades sociais do seu povo e essa incapacidade o levaria à ruína. De fato, ele operava uma espécie de inversão da teoria marxista, ao prever que contradições internas geradas no interior da sociedade soviética, em decorrência da incapacidade do seu sistema produtivo para atender as necessidades socialmente produzidas, gerariam forças sociais que entrariam em choque com o regime e levariam à sua superação.

### **A crítica de Walter Lippmann**

Walter Lippmann, à época um dos mais consagrados jornalistas dos EUA, criticou a perspectiva de Mr. X, pseudônimo adotado por Kennan, por intermédio de um texto publicado no *New York Herald Tribune*. O artigo de Lippmann, intitulado *The Cold War*, teve grande repercussão, o que levou o jornalista a escrever outros sobre temas correlatos, posteriormente

reunidos em um livro também denominado *The Cold War*. Sublinha-se a que partir da reverberação dos artigos de Lippmann e do seu livro, o termo “Guerra Fria” passou a ser empregado, cada vez mais, para se referir aos conflitos crescentes a envolver os EUA, a URSS e os seus respectivos aliados. Assim, em pouco tempo, o termo Guerra Fria ganhou uma dimensão global. George Orwell já havia empregado o termo em 1945, Bernard Baruch e Herbert Swope, em 1946, no entanto foi Lippmann o responsável pela universalização do termo (HALLIDAY, 1982; REYNOLDS, 1994; MUNHOZ, 2004a). Para Lippmann, tanto a Doutrina Truman quanto a Doutrina da Contenção eram inaceitáveis e implicavam interferências nas políticas domésticas de outras nações (LIPPMANN, 1947).

Walter Lippmann entendia que, naquele contexto, era necessário chegar a bom termo com a União Soviética, pois de alguma forma seria necessário buscar um modo de convivência com os soviéticos. Para o jornalista, o caminho até então trilhado pelos EUA levaria ao esgotamento moral e político do país. Lippmann asseverava que sem um acordo, o Exército Vermelho permaneceria no continente europeu. Ressaltava que ocupação da Europa por tropas estrangeiras era inaceitável, fossem elas soviéticas ou dos EUA. Concluía que a perspectiva apresentada no artigo de Mr. X levava ao aumento das tensões na Europa e que isso implicava o alargamento das desavenças entre os EUA e a URSS, o que poderia rumar para um conflito de proporções catastróficas (LIPPMANN, 1947).

### **O Plano Marshall**

Entre 1946 e o início de 1947, Kennan conquistou respeito e espaço na equipe de governo dos EUA. O Almirante Forrestal, então Secretário da Marinha e que se tornou o primeiro Secretário da Defesa dos EUA, a partir de setembro de 1947, o introduziu no restrito círculo dos *policymakers estadunidenses*. Inclui-se aí

a aproximação com o General George C. Marshall, que assumiu o Departamento de Estado em 21 de janeiro de 1947. Marshall logo convidou Kennan para criar e coordenar o *Policy Planning Staff*. Essa equipe deveria produzir uma análise da política global dos EUA e subsidiar o secretário de Estado em suas decisões e projetos. Pouco depois, Marshall solicitou a Kennan a elaboração de um plano destinado à recuperação da Europa. O Plano foi apresentado ao público por Marshall em um discurso efetuado em 5 de junho de 1947, na Universidade de Harvard, com o nome de *European Recovery Program*. O programa teve a sua implementação iniciada em abril de 1948 e ao longo de quase quatro anos investiu cerca de 13,3 bilhões de dólares, em valores da época, na Europa (HOGAN, 1995).

A elaboração do Plano Marshall partiu de demandas advindas do Departamento de Estado, onde crescia a preocupação com a situação vigente na Europa, que ainda era caótica, apesar dos 9 bilhões de dólares investidos pelos EUA no continente em 1945 e 1946. No entanto, os resultados alcançados por intermédio desses investimentos foram desalentadores. No contexto em que se agravavam os conflitos a envolver os EUA e a URSS, a situação europeia era vista como um caldo de cultura favorável à expansão de movimentos reivindicatórios e rebeliões que poderiam ampliar ainda mais a força das agremiações comunistas no continente, conforme o próprio Kennan apontava em *Sources of Soviet conduct*. Esse cenário era considerado preocupante, pois poderia favorecer a uma hipotética estratégia expansionista soviética rumo ao Ocidente europeu (HOGAN, 1995, MUNHOZ 2004b).

Ao analisar a matéria, Kennan e seus auxiliares mais diretos concluíram que os fracassos anteriores decorriam do fato de que os problemas de cada país haviam sido até então tratados de forma isolada, quando, de fato o que havia era um problema europeu. Em consonância com essa análise preliminar,

concluíram que era necessário um tratamento sistêmico do problema que afetava a retomada do sistema produtivo europeu. Assim, foi elaborado um plano que respondia a essa necessidade e, ao mesmo tempo, considerava as questões particulares de cada país. Uma vez definida a concepção do projeto, passou-se a uma segunda fase que envolvia a integração das equipes de cada um dos países interessados em participar da iniciativa. Desse modo, procurou-se envolver os respectivos governos no processo, de tal forma que eles fossem coadjuvantes dessa empreitada. Houve divergências quanto ao montante, uma vez que as expectativas dos países participantes iam além da disponibilidade ou disposição dos EUA e também em relação a muitas das exigências provenientes de Washington. Contudo, chegou-se a denominadores comuns e o plano foi implementado com resultados que superaram as expectativas iniciais de ambas as partes (HOGAN, 1995, MUNHOZ 2004b).

Michael Hogan defende a tese de que as ambições do plano excediam a simples recuperação da economia europeia. Para esse autor, o Plano Marshall objetivava criar uma nova ordem internacional ancorada na expansão do modelo econômico, das instituições e dos valores estadunidenses. Adicionalmente, o plano era um instrumento importante no sentido de conter a URSS e, ao mesmo tempo, redirecionar o capitalismo europeu de modo a torná-lo mais próximo aos interesses dos EUA. O Plano foi um sucesso e em pouco tempo resultou na melhoria do abastecimento, do fornecimento de energia, dos transportes e do mercado de trabalho. Por volta de 1950, a inflação estava sob controle na grande maioria dos países participantes, talvez com a grande exceção da França. A produção industrial da Europa Ocidental cresceu cerca de 40 por cento entre 1948 e 1951, de modo a superar mesmo as expectativas mais otimistas. A recuperação da agricultura ficou aquém do esperado, ao atingir 11 por cento no mesmo período. Na média, a

economia europeia teve um crescimento próximo de 32 por cento nesse período de cerca de três anos e meio. (HOGAN, 1995). Há diferentes perspectivas sobre o papel do Plano Marshall na recuperação da Europa, sobre o peso dos investimentos dos EUA na região e sobre os níveis de adesão e resistência europeia aos propósitos iniciais dos EUA, mas essa discussão vai além do escopo deste trabalho.

### **De criador a crítico**

Como já apontado anteriormente, a partir de 1947, Kennan começou a manifestar os primeiros sinais de descontentamento em relação à forma como a sua Doutrina da Contenção estava a ser entendida, distorcida e implementada. Além disso, ele também guardava reservas em relação à Doutrina Truman. Desse modo, era natural que houvesse algum tipo de afastamento do núcleo duro de elaboração política da administração Truman. Assim, em 1948, quando Truman venceu as eleições presidenciais e foi reconduzido a um novo mandato, Kennan já não possuía a mesma inserção no governo e o seu espaço de atuação na elaboração política tornava-se cada dia mais restrito. Nesse percurso, o seu afastamento se acentuou ainda mais quando passou a divergir do novo titular do Departamento de Estado, Dean Acheson que tomou posse em 21 de janeiro de 1949, no início da segunda administração Truman. Além disso, naquele mesmo ano, Kennan censurou o projeto de criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Na ocasião ele afirmou que a simples existência da organização provocaria o incremento das tensões e criaria novos obstáculos à política de contenção da União Soviética, uma vez que se tornaria um elemento desestabilizador das relações e aumentaria as suspeitas soviéticas em relação aos Estados Unidos. Desse ponto de vista, Kennan antecipava que a criação da organização poderia levar a uma nova corrida armamentista.

Nos anos seguintes, o diplomata

manteve o seu posicionamento crítico em relação a muitas estratégias adotadas por seu governo. Nesse sentido, ele chegou a discordar do início do envolvimento dos EUA na Indochina e criticou a entrada do país na Guerra da Coreia. Nesse ponto, a sua percepção da dinâmica daquele conflito foi bastante precisa, pois ele inclusive advertiu que a presença dos EUA na península da Coreia poderia levar a China a se envolver na questão, o que certamente levaria ao aumento das tensões e à ampliação do conflito. (STEPHANSON, 1992; MUNHOZ, 2012). Kennan manteve uma coerência nesse posicionamento ao longo dos anos, pois em 1965, em depoimento ao Congresso, afirmou que era um erro os EUA se envolverem no conflito no Vietnã. (KENNAN, 1965).

Em fevereiro de 1950, Kennan encaminhou um memorando a Dean Acheson, no qual criticava a militarização da política externa dos Estados Unidos. Essa atitude selou a sua marginalização no governo, uma vez que nele os críticos da sua Doutrina da Contenção haviam se tornado maioria. Além disso, a aprovação, no mesmo ano do *National Security Council* (NSC-68) foi visto por Kennan como inadequado e belicoso, o que aumentaria ainda mais as disputas armamentistas.

Assim, dia-a-dia, Kennan perdia espaço no segundo termo de Harry Truman. Nesse contexto, em 1952, como já mencionado, ele foi indicado para o posto de embaixador em Moscou, mas logo foi declarado *persona non grata* naquele país e, desse modo, retornou aos EUA, onde se afastou da carreira diplomática e passou a integrar os quadros do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, aonde permaneceu até 1974, com um breve interregno entre 1961 e 1963 quando foi indicado para ser o embaixador dos EUA na Iugoslávia.

Ao longo dos anos, Kennan continuou as suas atividades acadêmicas em Princeton, produziu muitos e se posicionou por diversas

vezes de forma crítica ao seu governo, como por exemplo quando, aos 99 anos de idade, afirmou que o plano de George W. Bush para atacar o Iraque era um erro, pois aquela era uma guerra que não poderia ser vencida. Era um novo Vietnã. Kennan faleceu em 17 de março de 2005, aos 101 anos de idade.

## Referências

- ARMS, Thomas. **Encyclopedia of the Cold War**. New York: Facts on File, 1994.
- BETHELL, L; ROXBOROUGH, I. (Ed.). The impact of the Cold War in Latin America. In: LEFFLER; PAINTER, D. **Origins of the Cold War: an international history**. New York: Madison, 1994. p. 293-316.
- BETHELL, L. Brazil. In: BETHELL, L; ROXBOROUGH, I. (Eds.). **Latin America between The Second World War and The Cold War, 1944-1948**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BRADLEY, Mark P. Decolonization, the global South, and the Cold War, 1919-1962. In: LEFFLER, M.; WESTAD, O. A. **The Cambridge History of the Cold War**. New York: Cambridge University Press, 2010, p. 464-485.
- CHOMSKY, Noam. **Novas e velhas ordens mundiais**. São Paulo: Scritta, 1996.
- FOREIGN AFFAIRS. Introduction. **Foreign Affairs**, Vol. 65, N°. 4 (Spring, 1987), p. 828-829).
- HALLIDAY, Fred. **The Making of The Second Cold War**. London: Verso, 1984, 2 ed.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos. O breve século XX**. São Paulo Cia das Letras, 1993.
- HOGAN, Michael J. **The Marshall Plan: America, Britain and the reconstruction of Western Europe, 1947-1952**. Cambridge (Mass): Cambridge University Press, 1995.
- KENNAN, George F.; COSTIGLIOLA, FRANK (ed). **The Kennan Diaries**. New York: Norton, 2014.
- KENNAN, GEORGE F. American Involvement. Report of the Subcommittee on Far East and Pacific, of the Committee on Foreign Affairs, House of Representatives. In: RASKIN, Marcus G.; FALL, Bernard B. (ed). **The Viet-Nam Reader**. New York, Vintage Books, 1967 (revised edition), p. 15-31.
- KENNAN, George Frost. **Long Telegram**. National Archive and Records Administration. <https://nsarchive2.gwu.edu//coldwar/documents/episo-de-1/kennan.htm> , 1946. (acesso Jun 2017)
- KENNAN, George Frost. **Memoirs (1925-1950)**. Boston: Atlantic-Little Brown, 1967.
- KENNAN, George Frost. **Memoirs (1950-1963)**. London: Hutchinson, 1973.
- KENNAN, George Frost. **At a Century's Ending. Reflections 1982-1995**. New York: W.W. Norton, 1996.
- KENNAN, George Frost. **A Rússia e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Forense, 1969
- KENNAN, George Frost. **American Diplomacy**. Expanded edition. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- KOTKIN, Stephen. **What Would Kennan Do?** Princeton Alumni Weekly, March 2, 2016. <https://paw.princeton.edu/article/what-would-kennan-do> (acesso 22 dez 2017).
- LaFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War. 1945-1996**. New York, McGraw-Hill, 1997(first edition 1967)
- LaFEBER, Walter. **The American Age. U.S. foreign policy at home and abroad. 1750 to the present**. New York: Norton, 1994.
- LaFEBER, Walter. **The New Empire. An interpretation of American expansion 1860- 1898**. New York: Cornell University Press, 1998 (thirty fifth anniversary edition).
- LIPPMANN, Walter. **The Cold War**. New York: Harper and Brother, 1947.
- MUNHOZ, Sidnei J. A Construção do império estadunidense. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C.; CABRAL, Ricardo; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- MUNHOZ, Sidnei J. Kennan e a política externa dos EUA durante a Guerra Fria. **Boletim de Estudos do Tempo Presente**. Aracaju: UFS, 2012, p. 1-13. <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/4226/3491> (acesso dez 2017)
- MUNHOZ, Sidnei J. Plano Marshall (verbete). In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. et all (orgs). **Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004b, p. 545-547.
- MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco

Carlos. **O Século sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004a.

REYNOLDS, David (Ed.) *The Origins of the Cold War In: **Europe: international perspectives***. New Haven: Yale University Press, 1994.

STEPHANSON, Anders. **Kennan and the art of foreign policy**. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 1992.

WEINER, Tim; CROSSETTEMARCH, Barbara. George F. Kennan Dies at 101; Leading Strategist of Cold War. **The New York Times**. 18/03/2005. <http://www.nytimes.com/2005/03/18/politics/george-f-kennan-dies-at-101-leading-strategist-of-cold-war.html> (acesso 22 dez 2017).

WESTAD, ODD Arne. **The Global Cold War. Third World interventions and the making of our times**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 3o. ed..

WILLET, Edward F. Report, "Dialectical Materialism And Russian Objectives" January 14, 1946. **President's Secretary's File, Truman Papers**. [https://trumanlibrary.org/whistlestop/study\\_collections/coldwar/documents/pdf/1-3.pdf](https://trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/1-3.pdf) (acesso 3 jan 2018).

WILLIAMS, W.A. **The Tragedy of American Diplomacy**. New York: Norton, 1988.

YERGIN, Daniel. **Shattered Peace: the origins of the Cold War**. New York: Penguin, 1990 (Revised edition).